

Os operários fardados não devem colaborar em golpes de Estado

Mais uma vez dos arraiais monar-
quicos, onde campeia a desordem,
saiu ontem um apelo à força militar
para que intervenha e se imponha
pela violência. Para que quem eles
a intervenção da tropa? Para meter
na ordem a desordem republicana.
Mas esquecem-se os monarquicos
de que não possuem a menor auto-
ridade moral para fazer tais apelos.
Se nas fileiras republicanas a con-
fusão reina e as paixões políticas
exacerbadas pelas ambições incon-
táveis nos dão, dia a dia, o espec-
táculo do jazz-band parlamentar,
que é a última das vergonhas, nas
fileiras monarquicas uma ridicula
desorientação campeia entre os que
querem o D. Manuel e os que dese-
jam D. Duarte Nuno, entre os que
têm prédios e os defendem no pa-
lamento e os que não têm prédios
e, entretanto, por aberração perma-
necem fiéis às velhas doutrinas mo-
narquicas, entre os constitucionalis-
tas e os integristas. Pois são estes
monarquicos que apelam para a
intervenção do exército, esquecen-
do-se ainda de que os militares se
encontram tão divididos por inter-
esses mesquinhos de mando e de
negócios como os primeiros.
Mas o povo sabe bem o que re-
presenta a intervenção violenta do
militarismo na vida política e social
de uma nação. E' o esmagamento
das escassas liberdades que se usu-
fruem, é o aniquilamento de todas
as aspirações de harmonia e perfei-
ção social.
O cérebro que pensa cede o seu
lugar à violência que esmaga. O
pensamento que edifica, deixa-se

substituir pela força que destrói. E
se, presentemente, o país assiste fa-
minto e miserável ao jazz-band pa-
rlamentar absolutamente improdu-
tivo, amanhã, numa situação de vi-
olência, o povo continuará faminto e
miserável com a agravante de nem
a menos lhe restar o direito de, na
imprensa, ou na praça pública, pro-
testar contra os desmandos de que é
vítima.
Mas o exército não é apenas con-
stituído por oficiais conservadores na
sua maioria. Os oficiais sem solda-
dos são como um zero à esquerda
de um algarismo.
Se os soldados filhos do povo,
integrados nas aspirações do povo,
soubessem agir em harmonia com os
seus interesses se não se esquece-
rem de que são operários militari-
zados, mas operários acima de tudo,
eles saberão bater o pé aos senho-
res oficiais e dizer-lhes no momento
propício:
—Quem quer fazer revoluções
que lhes corra o risco. Se os senho-
res oficiais pretendem dar um golpe
de Estado, que se sirvam apenas
dos seus recursos.
Os operários, mesmo fardados,
não têm senão uma revolução onde
colaborar: a sua, a que os conduza
à sua emancipação social. As outras
revoluções, que albergam apenas
uma grande sede de mando e visam
sômente o engrandecimento do ca-
pitalismo e do despotismo político
a económico que estrangulam o pro-
letariado, não podem ser coadjuva-
das pelos operários fardados. Essas
só lhes podem merecer uma oposi-
ção tenaz, desesperada.

Notas & Comentários

Tortuosas...

Tortuosas, miseravelmente tortuosas —
as «Novidades». Ontem chegaram ao des-
pacho de afirmar que a Igreja é inimiga
tradicional de toda a violência e que nunca
preconizou a insurreição. E, para usar
essa mentirosa afirmação, citava uns tre-
chos arrevesados e hipócritas de Leão XIII,
escritos propositalmente de maneira con-
fusa, a fim de serem interpretados sempre
consoante a necessidade da Igreja.
A verdade, porém, está muito acima das
subtilezas de Leão XIII — a verdade é a
história. E esta última conta-nos que bas-
tantes vezes a Igreja, para forçar os reis à
obediência, desligava os seus súbditos de
toda a vassalagem, a fim de desencadear
muitas das inclementes guerras civis que
ensanguentaram a Europa. E estas man-
chas de sangue — não se apagam, nem mes-
mo com oceanos de tinta.

Mais um...

O Correio da Manhã, de ontem, publi-
cava a notícia que a seguir reproduzi-
mos:

«Ontem de madrugada, o civico n.º 1.892,
da 8.ª esquadra, Teatro Nacional, vinha
pela travessa de S. Domingos, fazendo
exercícios de «jongleur» com o terçado e
falando sozinho. A certa altura o referido
guarda agrediu à pranchada várias pessoas,
entre elas, Artur Garrido Cavadas que teve
de se ir curar ao Banco do Hospital de
S. José.

Preguntando-lhe um outro polícia de
que se tratava, respondeu-lhe «que não era
nada».

O 1.892 também respondeu a um nosso
camarada de redacção que tinha testemu-
nhado a scena e que quis informar-se do
caso:

—Não é nada; é uma simples arranhadura.
Eu é que julgava que se tratava de homem
morto.

Em todo o caso o ferimento foi cosido a
pontos naturais.

A agressão levada foi testemunhada,
além do nosso camarada a que já nos refe-
rimos, pelos srs. Américo Alves Coelho,
junior e José Aparício, vila Cândida, 92;
Vitoriano da Silva, rua Heliodoro Salgado,
22, 1.º, e Robustiano Fernandes, travessa de
São Domingos, 31, 5.º»

Estimamos que fosse o Correio da Ma-
nhã quem publicasse este facto original em
primeira mão. Se a Batalha lhe tivesse
feito referência antes de qualquer outro
jornal, não faltaria quem afirmasse que
nós continuávamos a ter má vontade contra
a polícia.

Intolerância róxa...

Recebemos nesta redacção um exemplar
do nosso jornal que continha a reportagem
feita sobre a terra sob o signo da milagreira
de Fátima. O referido exemplar vinha re-
cheado de insultos, escritos a tinta róxa.
Consideramos esses insultos uma homena-
gem, visto que eles revelam o ódio que nu-
trem pelo nosso desassombro e pela nossa
viril independência os que pretendem fazer
do povo português um rebento amorfo de
eservos do Companhia de Jesus. Os insul-
tos a tinta róxa não nos perturbam. O cul-
to excessivo pelo róxo justifica estas ar-
remetidas, feitas de ignorância e de intol-
erância. E' um ataque a quatro... a quatro
pauas, feito para agradar às cavalgadas
de merito que vivem à custa do dinheiro
dos que acreditam na religião, mau grado
as Fátimas de podridão, ignorância e
roubo...

A LUTA SOCIAL NA INGLATERRA

A desvairada traição dos chefes trabalhistas fez cessar a greve geral na sua plenitude

A cessação da greve geral inglesa foi
surpresa para quantos acompanhavam as
fases do movimento. Que o operariado não
fôra vencido prova-o o empenho de Bal-
dwin nas negociações reatadas após o con-
flito. Verifica-se que a traição dos chefes
trabalhistas, Mac-Donald, J. H. Thomas e
outros, foi o melhor, o decisivo trunfo que,
abatendo a resistência dos operários, não
deu a vitória ao governo.
Até mesmo se pode afirmar que essa traí-
ção não atenuou um ápice a luta social na
Grã-Bretanha, apenas adiou, não se sabe
para quando, mas presente-se que para
muito breve, o desencadear duma guerra
formidável ao capitalismo inglês.
Depois da capitulação, os chefes tra-
balhistas têm visto no silêncio a sua melhor
defesa. O operariado ficou descontente com
a terminação da luta, e tal descontentamen-
to importa num desprestígio dos chefes.
Esquecer por completo, e o mais rápida-
mente possível, as prováveis consequências
da sua traição, nada dizer do que se passou,
é a atitude agora assumida pelos chefes
trabalhistas perante o operariado. Houve
uma destes chefes, o sr. Ben Turner, se-
cretário da União dos Operários Têxteis,
que afirmou:

—A história da greve já mais se poderá
fazer!

Assim mostrou o desejo dos traidores em
confessar as razões da traição aos operá-
rios que tudo querem saber, e tanto querem
saber que muitas vezes reclamam a con-
vocação de um congresso extraordinário
das Trade-Unions.

A ala esquerda das Trade-Unions em-
penha-se na luta contra os culpados da traí-
ção, ansiando por irradiá-los. E parecem fa-
vorecidos pelo estado de espírito em que
se mantem o operariado. A última greve
tornou-se uma experiência, bem dura expe-
riência, sem que deixe de ser desastrosa,
pois, talvez venha a ameaçar decisivamente
a política colaboracionista do sindicalismo
na Inglaterra.

Qual foi o papel dos chefes trabalhistas?

São insistentes as perguntas sobre qual
terá sido a atitude dos chefes trabalhistas
desde a declaração à cessação da greve —
30 de abril a 12 de maio.

O comité executivo das Trade-Unions
recebeu o encargo de dirigir a greve. Este
comité constituiu-se por 32 membros, buro-
cratas, presidentes e secretários das gran-
des uniões profissionais. São a ala direita,
a maioria. O seu presidente é o sr. Pugh,
líder da direita, mas a sua alma danada é
J. H. Thomas, ex-ferroviário, ex-ministro
do império, socialista burguês.

Durante a greve, faltaram ao comité ex-
ecutivo os dois delegados dos mineiros:
Smilie, que se achava na Escócia, e Ri-
chard, que estava doente. Este facto teve
excepcional importância no decorrer da
luta.

As tentativas de greve, os chefes trabal-
histas, que não a desejavam, viam nela um
meio de intimidar o governo. Supunham
que desde 30 de abril, início da greve dos
mineiros, até 3 de maio, início da greve ge-
ral, o sr. Baldwin, chefe do governo, cederia,
tomando a iniciativa de novas negocia-
ções.

Robert Williams, presidente do partido
trabalhista, exprimia essa convicção nos se-
guientes termos:

—O governo ver-se-á obrigado a subsi-
diar ainda a indústria mineira, porque o
contrário será a guerra civil!

A rutura das negociações assombrou es-

tes maus pastores: vinha fora de todas as
suas previsões. J. H. Thomas estava tão
atribulado — disse-o um jornalista con-
servador — que quase chorava como as crian-
ças. Mac-Donald mostrava-se pálido, de ca-
beça perdida. E quando se lhes pergunta-
va: — O que se vai passar? O que se vai
fazer? — só respondiam: — Não sei, não sei...

Na verdade, os chefes desorientaram-se.
Não estavam à altura da sua missão e, uma
vez a luta entabulada, acobardaram-se, qui-
seram negociar a todo o preço, a pesar da
formidável coesão do operariado. E grita-
vam: *Calma! calma!*

O comité executivo nomeou um outro
comité — *comité de negociações*, composto
dos srs. Thomas, Citrine, Pugh, Hicks, Swa-
les, Bromley. Pelo motivo já apontado, este
comité não incluía delegados mineiros.

As negociações, os *leaders* das Trade-
Unions e do partido trabalhista, que eram
deputados, avistavam-se no Parlamento, to-
dos os dias, com os membros do governo,
Baldwin e Steel Harland, este último mi-
nistro do trabalho. Iam insistentemente,
particularmente, pelo restabelecimento das negociações.

Junto dos industriais, também aqueles
leaders demandavam novas negociações.

Mas o governo usou a impressão de pro-
vocá-la: queria chegar ao fim. E impoz como
condição de novas negociações a cessação
da greve geral.

No dia 7 de Maio chegava o sr. Herbert
Samuel, que regressava precipitadamente
de Itália. Era o presidente da comissão de
inquérito à indústria do carvão. O seu pri-
meiro acto foi avistar-se com o comité de
negociações. Apresentou-lhe uma platfor-
ma que foi alegremente saudada pelos che-
fes desorientados. E se a greve geral não
terminou no dia 7, se se prolongou até 12
de Maio, foi apenas porque os maus pastores
se demoraram a fazer pressão sobre os mi-
neiros para que aceitassem o célebre memo-
randum.

Emfim, mau grado a resistência dos mi-
neiros, a sua recusa do memorandum de
Herbert Samuel, o comité executivo, em 12
de Maio, declarou-se satisfeito e... fazia
cessar a greve geral na sua plenitude!

Operários e patrões intransigentes

LONDRES, 25. — Não houve mudança
apreciável na situação da greve mineira
durante os dois últimos dias feriad.

Os proprietários e os mineiros, depois
de terem rejeitado as propostas dos me-
dianeiros do chefe do governo, receberam
do sr. Baldwin cartas nas quais o presi-
dente do conselho severamente critica a
atitude das duas partes litigantes.

O sr. Baldwin, na carta dirigida aos
proprietários das minas, lamenta a sua
incompreensível atitude e não concorda em
absoluto com a sua insinuação de que a
interferência política perturba a indústria
mineira, acrescentando ser impossível a
qualquer governo manter-se alheio a assun-
tos que afectam profundamente a vitalidade
da nação.

Na carta dirigida aos mineiros, o chefe
do governo diz ter sido sem proveito algum
que esteve reunido durante longas horas
com os delegados operários, pois no fim
recusam-se a considerar qualquer situação
de salários ou de horas de trabalho, ab-
stendo-se de apresentar qualquer pro-
posta prática para solucionar a actual crise.

O governo não mantém a oferta de abe-
rtura de crédito de três milhões para subsi-
diar os salários além do fim do corrente
mês e este limite não poderá ser prorrogado
dentro dos próprios termos das regeitadas
propostas.—L.

medidas serão tomadas com a maior en-
ergia e sem interrupção alguma.—(H.)

Reconciliação a tiro

PARIS, 25. — Ao sair do palácio do Eli-
seo, o sr. Briand desmentiu formalmente o
boato de que tencione apresentar a sua de-
missão antes da reabertura das câmaras.
Com relação a Marrocos, declarou o sr.
Briand que não se pode tratar com Abd-el-
Krim, que já não representa nada hoje em
dia, mas que quer ganhar tempo para se
poder fortificar em quaisquer pontos do
território. O sr. Painlevé declarou que a
situação continua consolidada, acrescentan-
do que a autoridade de Abd-el-Krim des-
pareceu, visto ter o cabecilha fugido. Agora
só podemos fazer uma política de reconcilia-
ção com as tribus.—(H.)

O tribunal da Boa-Hora contra "A Batalha"

No tribunal da Boa-Hora, 3.º distrito
criminal, devia ter-se realizado ontem o
julgamento de um processo-querrela instau-
rada a Batalha pelo Ministério Público,
contra o nosso editorial de 4 de Dezembro
do ano findo, epígrafe «A moralidade
dos juizes da Boa-Hora».

Como responsável pela publicação do
referido artigo, compareceu no tribunal o
nosso director que, por ausência forçada
por motivo profissional do advogado da
C. O. T., e por lhe não ter sido possível
apresentar rol de testemunhas, requereu o
adiamento do julgamento. Com a aquies-
cência do delegado do ministério público o
juiz deferiu o requerimento, marcando o
julgamento para o dia 25 do próximo mês
de Junho.

As manifestações comunistas na Alemanha

BERLIM, 25.—Decorreram sem inciden-
tes as manifestações comunistas realizadas
ontem e ante-ontem, tendo sido tomadas
grandes precauções pelas autoridades na
previsão de graves desordens.—(L.)

Um atentado político

PARIS, 25.—Foi hoje morto, a tiros de
revólver, por um ucraniano, o sr. Petliura,
ex-governador da Ucrânia, na ocasião em
que passava na rua.—(H.)

O custo da vida está aumentando escandalosamente

A vida continua subindo, ainda
que por enquanto não seja sensível
esse fenómeno económico — a não
ser para as donas de casa que estão
em contacto diário com o custo dos
artigos mais necessários. Os especu-
ladores têm vindo a proceder com as
maiores cautelas, com o fim de
não causar alarme na população e
de evitar uma justa explosão da sua
cólera.

Hoje é o calçado que sobe um
pouquinho, ontem foi o açúcar
que deu um pulo considerável e in-
justificado de 40 centavos por quilo.
Mas a subida do custo da vida não
se limitou só ao calçado, nem ao
açúcar. Outros géneros subiram e
alguns há que estão lentamente ele-
vando-se de preço. Em compensação
têm descido alguns géneros, mas
artificialmente; por exemplo: a man-
teiga. A manteiga desceu porque
não tinha venda, mas como os ne-
gociantes deste produto alimentício
não queriam diminuir a percentagem
dos seus lucros recorreram a pro-
cessos inconfessáveis, e entraram
principalmente pelo caminho da fal-
sificação. A maioria da manteiga que
para aí está à venda é falsificada.

Mas, isso pouca influência tem no
custo da vida visto que a maioria,
a grande, a esmagadora maioria
não consome esse género alimentício
pelo preço elevadíssimo que elle
atingiu.

Ao passo que a vida continua su-
bindo de preço — prosseguem as ten-
tativas dos industriais para fazerem
baixar os salários e aumentarem o
número de horas de trabalho do seu
pessoal. Essas tentativas continuam
multiplicando-se e devemos-lo con-
fessar — têm sido coroadas de êxito
em todos os pontos do país onde
não existe organização operária ou
onde esta não possui a força que

lhe permita opor-se com êxito a es-
tas ofensivas de exploradores sem
escrúpulos na sua ganância e sem
limites na sua exploração.

Se a diminuição de salários re-
presenta um grave prejuízo, o au-
mento de horas de trabalho não
deixa de ser menos pernicioso para
a existência económica dos trabalha-
dores. O aumento de horas de tra-
balho num período como este de
produção hesitante, deficiente e
anormal contribui e poderosamente
para o agravamento da crise de tra-
balho — da intensa crise de trabalho
em que nos debatemos e que está
assumindo, em muitas terras, as-
pectos singularmente trágicos. O agra-
vamento da crise de trabalho equi-
vale ao alastramento da miséria nas
classes trabalhadoras. Aumenta con-
sideravelmente o número dos desoc-
upados e favorece as especulações
dos industriais que pretendem a todo
o transe pôr em prática a baixa dos
salários.

O momento que atravessamos,
pelas razões acima expostas, é um
momento de excepcional gravidade
para as classes trabalhadoras. Se es-
tas não souberem colocar-se à altura
dos graves problemas que exigem
a sua atenção e a sua união, tudo
estará perdido. Regressar-se há rá-
pidamente a um período de escla-
vidão pior do que aquele que se
atravessou durante a guerra euro-
peia.

Impõe-se às classes trabalhadoras,
como um dever indeclinável, o ro-
bustecimento das suas organizações
sindicaes. É esse o dever da hora
para todos os operários. Se não o
cumprirmos não teremos direito a quei-
xar-se de que sobre eles desabe, a
breve trecho, a pior de todas as ca-
tástrofes económicas.

Uma testemunha que mantém, com firmeza e lógica, acusações formidáveis contra o famoso "Xefre" Xavier

Ao nosso director foi dirigida a seguinte
carta que gostosamente passamos a repro-
duzir:

Meu caro Arranha. — Permite-me que
roube um pouco de espaço ao nosso jornal
para tornar público que fui ontem chamado
a depor sobre as acusações que têm sido
feitas ao sr. Carlos de Araújo, indivíduo este
que é muito conhecido e conhecido — a um in-
divíduo que para aí existe e que dá pelo
nome de Carlos de Araújo, indivíduo este
que, se pudesse mudar de nome com a fa-
cilidade com que muda de ideias, eu ver-
me-ia atônito para o classificar.

Este Carlos de Araújo, que já foi furi-
bundo comodista, — que me perdôe o lapso
— comunista indicado, como testemunha
pelo agente Reis e Sousa, chamado a de-
por nada soube dizer senão que o signatário
da presente era operário electricista e
empregado nas Companhias do Gás e Elec-
tricidade.

E' formidável este Carlos de Araújo!
Mas, (como em todos os casos há um mas),
nós nos encarregamos de em breve au-
topsiarmos este *incógnito cidadão e grande
caudillo do esquerdismo domingista*, des-
crevendo minuciosamente toda a sua acção
desde o movimento operário onde passou
como gato por brasa, até cair nos braços
heróicos do todo poderoso José Domín-
gues dos Santos.

E' uma questão de tempo.

Todavia, caro Arranha, esta tem o fim
de te dizer que ao juiz sr. Teixeira Direito
fiz as declarações seguintes:

1.º Que mantendo todas as acusações por
mim feitas e publicadas em *A Choldra* de
20 de Março e 15 de Maio p. p., e que das
mesmas assumo inteira responsabilidade;

2.º Não prestar mais declarações à po-
licia para eu só estar de posse dos elemen-
tos que disponho para provar as acusações
feitas.

Requeri para que *A Choldra* fosse «que-
relada» a fim de eu no respectivo tribunal
poder demonstrar a verdade das acusações
que faço.

E finalmente declarei mais não me sur-
preender se amanhã vier a ser preso com
uma acusação das mais graves em con-
sequência da atitude que venho mantendo.

Num país em que pontificam os vários
Xaviers e «cobardos» como Carlos de
Araújo tudo é possível.

As acusações que fiz e de que assumo
inteira responsabilidade são as seguintes:

1.º Os chamados «legionários vermelhos»
que se evadiram do Governo Civil Xa-
vieram-no com cumplicidade do chefe Xavier;

2.º O mesmo Xavier, quando do governo
José Domingues dos Santos, pediu-me duas
bombas de rastilho que declarou destinar
aos gabinetes de Ferreira do Amaral e Cris-
pino da Fonseca;

3.º Quando da fusão de nacionalistas e
presidencialistas, esteve no Largo do Chi-
ado com bombas para serem lançadas sobre
aqueles elementos. Aqui abro um «paren-
tisis»:

Nesta ocasião, Carlos de Araújo, que na
polícia só soube dizer a minha profissão e
a oficina em que trabalho, esteve conver-
sando com Xavier à esquina da Rua Ivens.
Tinham juntado dois chefes: um de po-

Os burgueses da maioria de-mocrática ultrajam a dignidade das classes trabalhadoras

A Câmara Municipal tomou ontem uma
resolução indigna: não pagar a dívida que
tem em aberto para o pessoal operá-
rio do Município. Esta resolução nada tem
que a defenda: nem a falta de verba da Câ-
mara, nem a razão que se invoque para não
reconhecer a quem trabalha o direito ao
integral salário que auferir.

A vereação, queremos referir-nos à maio-
ria democrática que é quem põe e dispõe
na Câmara Municipal, cometeu uma acção
que merece ser repudiada não só pelas pes-
soas que defendem as opiniões sociais mais
modernas e avançadas, mas por todos aque-
les que entendem que é uma baixeza moral
inqualificável deixar de se cumprir um com-
promisso que voluntariamente se tomou.

Os operários do município são dos mais
explorados, não só da cidade de Lisboa
como de todo o país. Os salários que eles
auferem são sobremaneira deficientes e ri-
dículos. Não lhes permitem viver outra vida
— que não seja à margem da vida.

Entenderam, porém, os burgueses bem
comidos e bem vestidos que compõem a
maioria democrática da Câmara Municipal
que haviam de zombar da miséria dos ope-
rários municipais, ficando-lhes a dever
eternamente. Negar ao trabalho o salário —
é um crime. Negar à miséria aquilo a que
ela tem direito é mais do que um crime: é
uma zombaria cílica.

Brincar com o pão de quem trabalha é
uma monstruosidade que não pode ficar
impune. A monstruosidade impune da ve-
reção municipal constitui um insulto per-
manente e ultrajante à situação dos ope-
rários municipais e à dignidade e ao espírito
de justiça das classes trabalhadoras.

Conflito operário que ameaça o governo

ESTOCOLMO, 25.—Rebentou um grave
conflito entre o governo e a comissão de
estudo da crise de trabalho, por motivo da
greve que lavra nas minas de Stripa. Con-
trariamente ao determinado pela comissão,
o governo ordenou o pagamento aos gre-
vistas do subsídio de renda de casa, em
vez de substituí-los por operários sem tra-
balho. O conflito vai ser submetido à ar-
bitragem da comissão constituida a pre-
veir pelo parlamento. A imprensa prevê
uma próxima crise ministerial.—(H.)

lícia e outro de uma das projectadas revo-
luções radicais. E' preciso que se saiba que
Araújo também foi figura prestigiosa nos
revolucionários radicais.

4.º O chefe Xavier pediu bombas a mais
elementos operários, servindo-se de in-
termediários para o mesmo fim e foi o agente
provocador do atentado ao comandante
Ferreira do Amaral.

Mais uma vez ficam expostas as acusa-
ções que faço e em tribunal veremos se
elas correspondem ou não à verdade. Sen-
outro motivo, etc. etc.—Armando Martins.

Um funcionário superior da Alfândega do Porto

que atenta contra o horário de trabalho e rouba covardemente o pão a chefes de família

PORTO, 23.—A frente dos serviços da Alfândega do Porto está um indivíduo que dá pelo nome de Zeferino Paulo. Espírito autoritário, intratável e rancoroso, ele não gosta muito das simpatias entre o pessoal seu subordinado.

Este detestável director, emboldado na protecção dos altos magnates políticos governamentais, julga-se um indestrutível imperador da Alfândega. Não terá muita competência para o elevado cargo que atribuíram-lhe, está exercendo. Mas para praticar toda a casta de violências, de injustiças, de arbitrariedades, ninguém lhe leva as lanchas. E fica-se todo satisfeito com as revoltantes patifarias que diariamente vai cometendo com toda a impunidade, digna deste país de marionetas e de covardes.

Arvorando-se em régulo africano, deu o que se chama um golpe de preto nas justas e legais regalias do escrivão pessoal serventário da Alfândega. Supondo-se um alto comissário à Norton de Matos, deu-lhe um dia na veneta de modificar, para efeitos draconianos dos seus domínios alfandegários, as leis do país. Ele, um verdadeiro *super-omnia*, a cuja omnipotência todo o pessoal se tem de curvar humilhantemente.

Zeferino Paulo, zeferinando dar uma paulada na lei das 8 horas, pôs a sua feroz zeferineira em prática. Começou a obrigar o pessoal serventário a trabalhar mais tempo do que o horário normal prescrito, parlamentarmente, na lei. Não sabemos se o Zeferino tem método nas folhas as importâncias dos respectivos extraordinários. O que é positivo, é que ele não os tem pago a quem os recebeu, tendo desde há anos trabalhado sempre as oito horas, fora, com a desgraçada vinda da zeferineira encomenda, obrigado a trabalhar horas extraordinárias... a cáio.

O Zeferino não era capaz de deixar de arrebatar as orelhas da sua prepotência, isto é: não era capaz de terminar com o terno permanente atentado ao horário legal.

As vítimas, porém, não podiam também continuar a deixar-se roubar nas suas regalias. E deliberaram, com todos os meios suadados, dentro de todas as normas da correção e de toda a praxe etíquetária, conferenciaram com s. ex.ª, expondo-lhe as suas razões.

Mas o Zeferino, que por princípio de urbanidade só possui a regatice estúpida do mais boçal tiranete, não lhes admitiu qualquer delicada objecção: bronceante, por intermédio da sua comissão maltratada arrienteiramente, mandou-os trabalhar... as horas que ele muito bem entendesse!

Como o pai imperante faz o filho desobediente, o pai-zeferino de todas as alfândegas do Porto fez com que os seus súbditos desobedeçam, quer dizer: com que, num belo dia, o pessoal serventário despegasse a sua justa hora, não se dispondo a ir mais no bote das suas tranqüezas.

Furioso, perdendo ainda mais a tramontana, iniciou o período das suas bestialíssimas represálias, principiando por cortar o trabalho a uma infinidade de trabalhadores—para o que reclama, diariamente, a presença da nossa excelsa briosa.

E este conflito vem-se arrastando há semanas, porque o vingativo e o estúpido Zeferino Paulo continua a ser o feroz, o odiado dominador da Alfândega do Porto, o qual, sabendo que há uma porção de dezenas de vagos no quadro do pessoal serventário, em vez de as preencher, quer que o pessoal trabalhe, de graça, horas extraordinárias.

O primeiro de Janeiro, referindo-se à grandiosa competência do tal Zeferino Paulo, diz que ele precisa de ser corrido. Sim! Corrido e à moda de Fale.

O golpe de Estado na Polónia

O chefe da revolta candidato à presidência

VARSOVIA, 25.—O marechal Pilsudski consentiu em apresentar a sua candidatura à presidência da República.

A Assembleia Nacional deve reunir-se em 30 do corrente.—(L.)

Já se fala em ditadura

BERLIM, 25.—Segundo um telegrama de Varsóvia para o *Vossische Zeitung*, o primeiro ministro polaco, sr. Bartel, declarou ser absolutamente necessário instituir uma ditadura na Polónia durante algum tempo.

O *Berliner Tageblatt* diz que o novo governo polaco é favorável à conclusão dum acordo com o Reich sobre o conflito dos rendimentos, não sendo favorecido qualquer empréstimo externo à Polónia até que esta resolva aquele conflito.—(L.)

As proezas da policia

Da Casa Mortuária do Hospital de São José, é hoje removido para o Instituto de Medicina Legal, o cadáver de José Pereira de Melo, aquele carroceiro que, como noticiámos, foi, no dia 14 de abril último, ferido pela policia, no Largo dos Prazeres, vindo a falecer, em 24 deste mês, na enfermaria de St.º Onofre.

TEATRO DO GIMNÁSIO

HOJE
FESTA ARTISTICA
DE
HENRIQUE DE ALBUQUERQUE

com a interessante comédia
de SAVOIR

Banca à glória

1 DE JUNHO — Inauguração da
época de verão (grande redução
de preços) com a espirituosa
farsa

O CÉLEBRE PINA

Semana da Criança

Um jantar de confraternização em Tires

TIRES, 23.—A fechar os festejos da Semana da Criança realizou-se um jantar, no qual confraternizaram as crianças de Tires e de São Domingos de Rana.

Juntaram-se 150 crianças que davam uma grande nota de alegria.

Pelas 18 horas iniciou-se a sessão solene e de encerramento das festas, à qual presidiu o dr. sr. Agostinho Fortes, secretário do por Pedro Vilas Boas, e Artur Moreira Sabido.

O presidente fez um interessante discurso sobre a educação da infância. Referiu-se à espinhosa missão dos professores primários. Disse confiar na iniciativa particular, que felizmente, com a Semana da Criança, principia a manifestar-se.

O sr. Pedro Vilas Boas, da Junta de Freguesia, dirigiu calorosas saudações aos promotores das festas e palavras de carinho às crianças presentes.

O nosso camarada Silva Campos, da C. G. T., referiu-se aos sofrimentos dos filhos dos proletários. Condenou as más instalações escolares.

O presidente, após o breve discurso, encerrou a sessão, que decorreu sempre no meio do maior entusiasmo.—E.

AGREMIações VARIAS

A Voz do Operário.—Prosegue hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral para discussão do regulamento.

DESPORTOS

Hipismo

Por telegrama recebido na Sociedade Hipica Portuguesa, sabe-se que no Concurso Hípico de Milão (Itália), os cavaleiros portugueses, ganharam mais os seguintes prémios: Prova de abertura.—1.º prémio: ex-aque, cavalo Whisky, montado pelo tenente Morais Sarmiento; cavalo Select, montado pelo tenente Mena e Silva.—2.º prémio: ex-aque (que corresponde ao 2.º prémio), cavalo Balazan, montado pelo tenente Morais Sarmiento.—3.º prémio: cavalo «Boss».

Prova de potencia: ganharam prémios os cavalos: «Ali», «Balazan», «Whisky» e «Maggie».

Anjos e demónios à bulha

ROUEN, 25.—A saída de uma reunião efectuada pela União Pró-Paz Religiosa, em Elbeuf, à qual presidia o general Castelnau, produziram-se contra-manifestações socialistas e comunistas, tendo sido disparado um tiro que a ninguém feriu.—(H.)

Hospitais Cívis de Lisboa

No dia 7 do próximo mês de Junho, iniciam-se as provas dos concursos para assistentes do serviço de clínica médica e as de assistentes de serviço geral de clínica cirúrgica no dia 15 do mês, achando-se os respectivos pontos afixados na Secretaria da Direcção Geral dos Hospitais Cívis e no Banco do Hospital de S. José.

Um grande desastre

MUNICH, 25.—Um comboio omnibus chocou com um comboio que se encontrava parado na via. Até agora, há 24 mortos e numerosos feridos.—(H.)

Os comunistas e a revolução chinesa

LONDRES, 25.—Segundo notícias recebidas pelo *Daily Mail*, o general chinês Feng, que se encontrava em Moscou, recebeu 700.000 libras esterlinas do governo soviético, dirigindo-se a Kalgan, a fim de reorganizar o seu exército e tentar apoderar-se de novo do poder no Céleste Império.

O mesmo jornal acrescenta que os soviéticos consideram a derrota do general Feng como podendo afectar fatalmente a influência soviética na China, tendo também enviado 50.000 libras ao governo comunista de Cantão.—L.

Grande choque de comboios

MUNICH, 25.—Nos arredores desta cidade deu-se um gravíssimo choque entre o expresso Salzburgo-Munich e outro comboio que marchava em sentido contrário.

Na estação de Bergame estavam ligados os sinais de paragem, em que não reparou o maquinista do expresso, indo chocar mais adiante com o comboio que avançava sobre aquela estação, descarrilhando e galegando as carruagens, umas sobre as outras, a que se seguiu um terrível incêndio.

Os dois comboios conduziam excursionistas vindos de passeios dominicais às montanhas.

De entre os destroços foram retirados 25 cadáveres e 60 feridos, alguns dos quais horrivelmente queimados.—(L.)

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Inhabilitação.—Realiza-se hoje na rua Nova do Carvalho, 71, 1.ª, (a São Paulo), a sua assembleia geral ordinária, para discussão e aprovação do relatório da gerência de 1925 e duma proposta da direcção do corrente ano, em conformidade com o n.º 5 do art.º 45.º dos Estatutos.

HOJE

MARIA VITORIA

A revista sem rival

FOOT-BALL

Centenas de representações

Peça assim consagrada não precisa de reclame

No império de Norton

Uma mania legislativa que causou grandes prejuizos a Angola

Assistimos pessoalmente a toda a obra grandiosa de Norton de Matos, desde a primeira hora da sua chegada ao último momento da permanência dele em Angola, não tendo sido indiferente, a muitos, o interesse com que acompanhávamos o «extraordinário progresso» cujo grau previmos ir atingir e, infelizmente, não nos enganamos.

Um dos capítulos não menos interessantes da História da Colonização Moderna em Angola tivemos ocasião de o digirir na Imprensa Nacional de Loanda. Norton legislava e mandava legislar, todos os dias e a quasi todas as horas.

Os chefes das repartições, à semelhança dos governos e conforme a vontade do general, apenas tomavam posse dos cargos em que os antecessores se carregaram, ou logo que se lhes proporcionava a primeira oportunidade, organizavam, reorganizavam e regulavam a sua vontade os seus trabalhos em que se revelava, iniludivelmente, um labor exaustivo, inextinguível dedicação e zelo pelos serviços, interesses do Estado e pelo progresso da provincia—dos projectos de portarias e decretos para sua excelência o general ver e assinar.

O rei de Angola fazia-lhes a vontade: assinava decretos e portarias, escrevendo na papelada dos legisladores—«Publique-se».—Norton. E lá ia um continuo carregado de papelada para a Imprensa, a fim de o *Boletim Oficial* inserir tudo aquilo.

Dir-se-ia terem o objectivo de ver o nome no órgão oficial, bem visível, após seis ou dez columnas duma prosa militarista, fastidiosa e inútil. Só tinham pena que a técnica da grafia não admitisse o normando nos nomes para se lerem melhor e a maior distancia... Mas lá estavam no italiano. Liabem, eram eles, sem dúvida! Estavam vivos! Existiam, sabiam escrever!

O número de compositores triplicou, mas tal aumento ainda era insuficiente; a afilidade de original era extraordinária. Por mais compositores nativos que se admitissem, por mais que fossem de Lisboa, contratados, era sempre necessário fazer serviço extraordinário, que por vezes chegava a prolongar-se durante toda a noite.

Eram dezenas de avisos da Secretaria Provincial dos Serviços de Agricultura concedendo tantos hectares de terreno ao sr. X.

Agricultura! Só a caceia! E o preto sem terra e sem pão! E a terra inculta ou agricultada por aquele que expropria o nativo de acordo com o Estado!

Projectos de portarias, decretos, regulamentos e contratos, uns após outros. Depois de compostos e tiradas as provas de granel em papel com um palmo de margem lá iam para o Palácio acompanhados duma guia com triplicado. Da residência imperial para o conselho legislativo, de lá outra vez para a Imprensa e, daqui, novamente uma guia com triplicado, um protocolo e um continuo, e assim sucessivamente, vezes sem fim, emendando, rectificando, acrescentando, publicando-se mais do que uma vez! E ainda restam as voltas dadas por conta do Conselho Executivo!

Com as actas do Conselho Legislativo, é inextinguível o que se passava. Norton dizia meia dúzia de palavras no Parlamento, tão poucas que não chegavam a encher, uma vez só, o compositador ao tipógrafo. Mas na acta, quando publicada, Norton tinha proferido um longo e eloquente discurso...

E os compositores todo o dia, todas as noites e frequentes vezes toda a noite, na mais incomoda das posições, sacrificando a vista, compondo, corrigindo e recorrendo tempo infinito a mesma inútil porcaria!

Só em composição, revisão, impressão e papel para os seus trabalhos inúteis, fora os prejuizos causados com a sua aplicação—Norton sacou à sua conta uma soma considerável dos cofres da colónia.

Depois «menus para almoços e jantares confeccionados em papel especial, com os nomes dos convidados, cheios de lachinhos e fitinhas de seda. Na secção de encadernação pastas de «chagrin» e de «marroquim», livros estofados, encadernados com as mais ricas peles que existissem no armazém de materiais, álbuns de fotografias de diversas regiões da provincia, de colecções da fauna alada africana, etc.,—para o Palácio... para as delicias, principescas mãos da menina Rita.

E as pedras da Calçada Diogo Cam continuavam dormindo!...

Correia de SOUSA

DEPUTADO QUE SE SUICIDA

BELGRADO, 25.—Suicidou-se o deputado Jovanovich, vice-presidente do partido radical.—(L.)

Teatro Nacional

Telefone N. 3049

HOJE

a representação da interessante peça

Papillon, bom rapaz

Nos primicias papéis:

Maria Pia, Otelo de Carvalho, Albertina de Oliveira, António Pinheiro, Alice Ogando, Ribeiro Lopes, Isilda de Vasconcelos e Emília Fernandes.

Preços

(Incluindo todos os impostos)

Frizis 40\$00

Camarotes 40\$00

30\$00 e 20\$00

Fauteuils 10\$00

Superiores 6\$50

Geral 4\$00

Varandas 3\$00

TIVOLI

Telefone N. 5474

A'S 21 HORAS

O fantasma do Moulin Rouge

História fantástica em oito partes

PARIS EM CINCO DIAS

Comédia em seis partes com o célebre

NICOLAS RIMSKY

UMA PANORAMICA

Uma comédia de desenhos animados

A'MANHÃ:—MATINÉE, A'S 3 HORAS

'A Batalha' na provincia e arredores

Ferreira do Alentejo

O Despertar

FERREIRA DO ALENTEJO, 24.—O condénado indiferentismo que há anos a classe trabalhadora tem votado aos seus interesses, principalmente os de organização sindical, começa a desaparecer. Todos sentem a falta duma organização que, unindo irmanamente todos os produtores, os defenda dos ataques que dia a dia a classe capitalista lhes vai vibrando.

De há muito que os trabalhadores veem sofrendo a mais dura exploração, sem o mais pequeno gesto de revolta que faça intimidar os seus exploradores.

O horário de oito horas aqui não se cumpre, a grande maioria trabalha nove, dez horas e outros ainda mais, tudo isto a troco dum salário tão exiguo que não chega para o mais necessário à vida.

Salários baixos, muitas horas de um trabalho pesado e extenuante, porém, em compensação existem três filarmónicas que a-pesar do povo estão insuficientemente alimentado e não ter instrução (pois que a maioria da população é analfabeta) o vai entreteendo e desviando-o do caminho que o levará à sua completa emancipação.

O povo trabalhador vai despertando, vai compreendendo que as sociedades musicais, são um belo pretexto para que ele não pense em melhorar a sua situação, que tome o actual estado de coisas como natural e não o pretenda modificar, e tanto assim é que numa povoação pequena como é Ferreira, existem três filarmónicas e deixou-se desapparecer, por falta de coesão, a antiga Associação dos camponeses.

Nos tempos em que a Associação era forte e tinha uma vida regular, ela era temida pelos lavradores, que encolhendo as garças, respeitavam a força dos trabalhadores, porque os viam unidos em volta do seu baluarte sindical.

Hoje, porém, que os trabalhadores olham mais pelas tabernas e pelas filarmónicas, não cuidando em levantar a sua Associação, encontram-se subjugados pela mais torpe exploração que os reduz a uma situação miserável.

Entretanto, nem todos se deixam vencer pelo medo, e assim somos informados de que um grupo de camaradas cheios de boa vontade trabalha com afinco na organização da Associação dos Trabalhadores Rurais e dum sindicato misto para as outras classes.

Os trabalhadores sabem corresponder aos esforços empregados. Impõe-se o dever de todos se associarem, para, fortemente organizados, dizerem um enérgico «Alto!» à exploração que campeia infremente.

Mina de São Domingos

Recordando

MINA DE SÃO DOMINGOS, 23.—E.—Querendo justificar perante as autoridades o envio de alguma tropa para a Mina de São Domingos, o gerente astuto, mas cobarde, Frederich Rich colocou sobre o telhado da sua residência determinada matéria explosiva que veio produzir o efeito por ele apetecido e também calculado, na madrugada de 19 de Abril de 1924.

Anteriormente à patranga gerentista fomos algumas vezes interrompidos pelo seu autor, a fim de arredar de nós a ideia de fundar na Mina uma «Associação de Classe». Depois levaram-nos em visita obrigatória às nojentas e prejudiciais prisões do Governo Civil de Lisboa. Lá se concluiu que nós nada tínhamos com o caso, a-pesar de o gerente Rich afirmar categoricamente que o que ele tinha feito...

Há dois anos!... Já vínhamos a caminho desta terra que nos serviu de berço... mais convictos no ideal, mais compreendidos de quanta hipocrisia preside, na hora que passa, à sociedade presente!... As investigações haviam terminado, porque a continuarem teria de ser duplo crime! Rich que responderia por duplo crime!...

—O jornal *Aurora* da Federação dos Anarquistas do Sul iniciou a breve e publicação da história pormenorizada da «Patranga Gerentista» de 19 de Abril de 1924, na Mina de São Domingos.

Rendimentos dos operários

No pósto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado e recolhido a casa João Silvestre, de 23 anos, natural de Gois, residente na rua Maria Pia, (Barracas) carroceiro, que na rua do Alívio foi colhido pela carroça de que era condutor, ficando ferido na perna esquerda.

O congresso socialista francês

PARIS, 25.—Calcula-se que o congresso nacional socialista, reunido em Clermont-Ferrand, regente por forte maioria a colaboração do partido com os comunistas.—L.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Trindade

A comédia «El corazon manda»

«El corazon manda» foi, se a memória não me falha, feito em Lisboa por Palmira Bastos e Carlos Santos.

E' curioso notar que, a não ser Alexandre Azevedo, ao almoço em honra de Ernesto Vilches só assistiram aqueles dois artistas...

Como representou o grande actor espanhol o protagonista desta peça, tanto do agitado das nossas plateias? Magistralmente. E' desnecessário dizê-lo. Mais um actor vimos ontem. E mais um actor, porque o desdobramento do extraordinário comediante é de molde a admitirmos que não se trata dum só actor, mas de tantos quantos os papéis!

Irene Lopez de Heredia muitíssimo bem. Detalhou com arte, disse com uma admirável simplicidade, ouviu com uma consciência pouco vulgar. Dos outros artistas não há que dizer mais que bem, convido, a-pesar de tudo, destacar o trabalho de Espantaleon.

Nogueira de BRITO

Festas artísticas

Realiza-se amanhã, no Apolo, a festa do illustre artista Rafael Marques, que, pela primeira vez, interpretará a parte de protagonista da célebre tragédia «Otelo», sendo o *Desdemona*, Irene Gomes e o *Yago*, Abílio Alves. Como é natural a recita está despertando enorme interesse, havendo uma procura de bilhetes verdadeiramente extraordinária.

Efectua-se hoje, no Ginásio, a festa do illustre actor Henrique de Albuquerque, com a única representação da graciosíssima comédia «Banca à Glória», em que ele desempenha o papel de protagonista, tendo na peça; também, papéis de destaque Palmira Bastos e Gil Ferreira.

Notícias

Amanhã, no Ginásio, ainda vai à scena a encantadora comédia «O Rosário», acompanhada do prólogo «Esta literatura...». Assim corresponde a empresa ao desejo manifestado por muitas famílias, que não tiveram ainda ensejo de admirar a deliciosa peça, em que Palmira Bastos é notabilíssima.

E' definitivamente na próxima terça-feira que se realiza, no Ginásio, a inauguração da época de verão, sendo os bilhetes vendidos com uma considerável redução nos preços. A primeira peça que será representada é a graciosíssima farsa de Fernandes Lepina e Ricardo del Toro «O célebre Pina», tradução de Pedro Bandeira, Guedes Vaz e Carlos Ferreira, isto é, a mesma obra que, com enorme sucesso, estava em scena, no antigo Ginásio, há cinco anos e cuja carreira foi cortada pelo desapparecimento daquela casa de espectáculo.

A excepção do actor Joaquim Prata, que retoma o papel que, então, criou brilhantemente, a interpretação de «O célebre Pina» é completamente nova.

Os progressos da aviação

Viagem Paris-Tokio

PARIS, 25.—O aviador Pelletier d'Oisy levantou voo pelas 5 e 30 desta manhã, do aerodromo de Vila Comblay, para a sua viagem Paris-Tokio.

O aviador conta terminar pelas 19 e 30 a sua primeira «etapa» Paris-Moscou.

Mais uma linha aérea

PARIS, 25.—Foi hoje inaugurada a linha aérea Londres, Paris, Lyon, Marselha e Ginebra, com ligação ferro-viária para Milão.—L.

Reivindicações feministas

LONDRES, 25.—Chegaram a Plymouth as delegadas americanas que vêm tomar parte no congresso feminino que deve realizar-se em Paris e cujo fim é a reivindicação da igualdade do direito de voto para a mulher. É a primeira vez que o partido nacional feminino da América será representado numa assembleia estrangeira.—(L.)

Catástrofe vulcânica

TOQUIO, 25.—Entrou em erupção o vulcão de Tokachi. Em Parla foram sepultadas 60 casas sob a lava. Supõe-se que desapareceram 120 pessoas, na maior parte mineiros, que trabalhavam nas minas de enxofre. O jornal *Nichinichi* diz que o número dos desaparecidos se eleva a um milhão.—(H.)

Ocorrências diversas

Na enfermaria de Santa Joana, do hospital de São José, deu entrada Adeline da Conceição, de 32 anos, natural do Cadaval e residente na rua Silva e Albuquerque, 50, 2.ª, esq., que, na Avenida da Liberdade, foi atropelada por um carro eléctrico, ficando com uma perna fracturada.

—A bordo do vapor holandês «Ruynduck», chegado ontem a Lisboa, adoeceu subitamente, em viagem, o subdito holandês William George, de 32 anos, marítimo e tripulante daquele barco. Transportado para terra, foi num auto da Cruz Vermelha conduzido ao hospital de São José, onde recolheu à enfermaria n.º 9.

—No hospital de São José, o juiz auxiliar do Instituto de Medicina-Legal, acompanhado pelo escrivão José Maria Vasques e servindo de peritos os dres. Asdrubal de Aguiar e Santana Rodrigues, procederam a exame directo a Paulo dos Santos, residente a bordo do galeão de pesca «Trinca» e que, como noticiámos, foi, a bordo do mesmo barco, agredido com uma facada no ventre por Francisco Mateus, no dia 19 último, e que se encontra internado na enfermaria de São Francisco; e a Rosa Rodrigues, agredida com facadas por Manuel de Sousa, no Campo dos Mártires da Pátria, e que se encontra internada na enfermaria de Santa Emília.

Coliseu dos Recreios

A's 9 e meia

PENULTIMO DIA

—DO—

Torneio Internacional de Luta

Em luta livre:

M. Grilo contra Pietrowsch

Em gre

MARCO POSTAL
Peniche. — Associação dos Pescadores. — Recebemos vale de 12\$50. Pagou Diário, Suplemento e Renovação, até 30 de Abril, p. p.
Panoias. — João António Chaparro. — Recebemos 13\$00. Assinatura paga até 22 de Junho, p. p.
Setúbal. — José Vieira. — Recebemos 40\$00. Revertido 4\$50 para os camaradas presos.

AGENDA
CALENDÁRIO DE MAIO

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
T.																															
J.																															
S.																															
S.																															
D.																															
S.																															

MARES DE HOJE
Pratamar às 2,05 e às 2,23
Baixamar às 7,35 e às 7,53

CAMBÍOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	—	—
Madrid, cheque	2586,5	—
Paris, cheque	366	—
Suiza, cheque	3679	—
Bruxelas, cheque	366	—
New-York, cheque	19555	—
Amsterdão, cheque	7586	—
Itália, cheque	576	—
Brasil, cheque	2590	—
Praga, cheque	558	—
Suécia, cheque	5524	—
Austria, cheque	2577	—
Berlim, cheque	4566	—

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Nacional. — As 21. — «Pápio», o bom rapaz.
São Juli. — As 21. — «A Lesteira d'Entre Arroios»,
Ginásio. — As 21. — «Bianca e Glória».
Doliteama. — As 21. — Variedades.
Ripolo. — As 21. — «Amor de Perdição».
Trindade. — As 21. — «La casa de la Troya».
Elen. — As 20,45 e 22,15. — «Fox-Trot».
Coliseu das Recreios. — As 21. — «Lata».
Emília. — As 21. — «O Pão de Ló».
Santa Vitória. — As 20,30 e 22,30. — «Foot-Ball».
Santo 30. — As 21. — Variedades.
Joaquim de Almeida. — As 21. — Variedades.
Cinema (Vicente da Graça). — Espectáculos às 3,30 e 5,15, sábados e domingos com «matinees».
Teatro Parque. — Todas as noites. Concertos e di-
versões.

CINEMAS

Tivoli. — Olympia. — Central. — Condes. — Gládio Ter-
rosa. — Ideal. — Arco da Beira. — Promotora. — Esperança.
— Lente. — Cine Par.

LIMAS NACIONAIS

So a grandefolia de propaganda tem dando lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas marca «Touro» da Lima União Tomo Feteira, «Lima» rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram a venda em todas as lojas de artigos de ferragem e de ferragens para a casa.

PEDRAS "METAL AUER"
PARA SIQUEIROS
Vendem-se no LATA, DO LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Duzia \$40; 100, 2\$80; mil, 25\$00
Pedra grande, duzia, \$80

Companhia Nacional de Navegação

Vapor IBO
Para Peniche, Porto (Douro) e Leixões. Saíra no dia 1 de Junho o vapor IBO, recebendo carga e passageiros.
Para carga, passageiros e quaisquer esclarecimentos, dirigir-se aos escritórios: Em Lisboa, rua do Comércio, 85; No Porto: rua da Nova Alfândega, 34.
Paquete ANGOLA
Saíra no dia 1 de Junho para Madeira, São Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes, Cabo (Cape Town), Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para Inhambane, Chinde, Quelimane, Pebane, Angoché, Porto Amelia e Ibo com tráfego.
A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353
Medicina, coração e pulmões. — Dr. Armando Nar-
cio. — As 9 horas.
Cirurgia, operações. — Dr. Bernardo Vilar. — 4 horas.
Rins, vias urinárias. — Dr. Miguel Magalhães. — 10 horas.
Pele e sífilis. — Dr. Correia Figueiredo. — 11 e às 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia. — Dr. R. Loff. — 2 horas.
Doenças dos olhos. — Dr. Mário de Matos. — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos. — Dr. Mário Oliveira. — 12 horas.
Estômago e intestinos. — Dr. Mendes Belo. — 3 ho-
ras.
Doenças dasenhadas. — Dr. Emilio Paiva. — 2 horas.
Doenças das crianças. — Dr. Filipe Mousinho. — 12 ho-
ras.
Tratamento de diabetes. — Dr. Ernesto Roma. — 5 horas.
Boca e dentes. — Dr. Armando Lima. — 10 horas.
Cancro e rádio. — Dr. Cabral de Melo. — 4 horas.
Raio X. — Dr. Azeite Saldaña. — 4 horas.
Análises. — Dr. Gabriela Beato. — 4 horas.

Policlínica do Rato
PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.º
TELEF. N. 1200
Dr. Júlio Gonçalves. — Boca e dentes, às 10 horas.
Dr. António Monteiro. — Clínica geral, senhoras e crianças, às 11 horas.
Dr. Lourenço Raimundo. — Rins e vias urinárias, às 13,12.
Dr. António Fernandes. — Medicina geral e doenças nervosas, às 15,12.
Dr. João Saraiva. — Doenças dos olhos, às 15,12.
Dr. João de Moraes Sarmiento. — Gineco-
logia e operações, às 16 h.
Dr. Raival Saavedra. — Pele, sífilis e pul-
mões, às 17 h.
Dr. Tavares do Couto. — Garganta, nariz e ouvidos, às 15,12.
Análises clínicas, electroterapia, maçaagem e ginástica médica.

Caminhos de Ferro do Estado
Direcção do Sul e Sueste
Editos de 30 dias
Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da última publicação deste anúncio no *Diário do Governo*, citando tódas as pessoas incertas que se julgarem com direito ao todo ou a parte da quantia de duzentos, trinta e dois escudos, sessenta e quatro centavos (232\$64), relativa à liquidação das contas deixadas pelo fiscal de pedra britada, Gonçalo dos Santos, falecido em 8 de Agosto de 1922 e a cuja quantia se habilitou sua esposa, Rosa Joaquina e seu filho António Gonçalves, seus legítimos herdeiros.
Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 24 de Maio de 1926. — O Secretário da Direcção, Jaime Rocha.

Lotaria de Santo António
EM 19 DE JUNHO
Prémios maiores:
2.000.000\$00
500.000\$00
Bilhetes e fracções originais ao preço corrente.
Cautelas a 6\$00 e 3\$00.
Pedidos pelo correio mais 1\$00.

CAMPEÃO & C.ª
Rua do Amparo, 116

Livros em espanhol
A' venda na administração de A BATALHA
Mi Comunismo, Sebastião Faure 10\$00
La Revolución Social em Fran-
cia, Miguel Bakunine (2volumes) 20\$00
Cartas a uma mulher sobre la
anarquia, Luiz Fabri. 2\$50
La Ukrania revolucionária,
Agustín Souchy. 1\$50
Anarquismo y organización, Ro-
dolfo Rocker. 1\$00
Entre campesinos, E. Malatesta 1\$00
Em Ukrania, Rudenko. 1\$00
Miguel Bakunine, J. Guillaume 1\$00
Los anarquistas (Estudo e repú-
blica) Lombroso y Mella. 5\$00
Errico Malatesta, Max Nettlan. 6\$00
Aristas y Rebeldes, R. Rocker 9\$00
Nicolai, Romain Rolland. 4\$00

FERRAGENS E FERRAMENTAS
CUTELARIAS E TALHERES
LOUÇA ESMALTADA
GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS
REDE E PREGARIA
Telefone C. 2890
Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralheiros, etc., etc.
VIANA, REIS & NUNES, L.ª
FOLES, VENTONHAS,
ENGENHOS DE FURAR,
LIMAS, BROCAS E MANDRIS
31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33 — LISBOA

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS
A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O
Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro
Telefones: Norte 5521 e 5528
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

SALVADOR BARATA, L.ª
Rua DAS BRIGADAS N.º 19-21 e 19-22
TELEFONE T. 546 LISBOA
Fabricantes dos Alvaides marca «GAIVOTA» e únicos depositários do «PÓ RODRIGUES»
O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.
em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e lojas de FERRAGENS
A' VENDA
JOSÉ GOES FERREIRA FUNCHAL

PAPELARIA
VIÚVA MARQUES
(Viúva de Manuel da Costa Marques & C.ª, Limit.ª)
Variadíssimo sortimento de artigos para escritório
Telefone: C. 2676 Rua do Ouro, 36 — Lisboa

LA NOVELA SOCIAL
LA REDENCIÓN DE PIÉROT
E' o título do n.º 3 da interessante colecção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.
"Educação Social"
Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal
Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit.ª — R. dos Retozeiros, 125 — LISBOA.
A' venda na administração de A Batalha.

LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada *Pigmalion*, de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.
A' VENDA a 10.ª SÉRIE
DE OS MISTÉRIOS DO POVO
Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.
Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.
A obra mais barata que no género se publica

Empresa de Trens de Aluguer da Graça
Rua de São Gens (à Graça)
Telefone Norte 2042
Esta Empresa participa aos seus estimáveis clientes que, a partir do dia 1 de Abril, reduziu os seus preços, estabelecendo a tabela seguinte:
As duas primeiras horas 25\$00
Cada hora a mais 10\$00
Serviços de TEATRO, levar e buscar 15\$00
Serviços para fora de Lisboa preços convencionais.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária
Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.
Pedidos à administração de A Batalha.
A' venda na administração de A Batalha.
Por Arckinof. Preço 1\$50.

PRODUTOS ZÉDOL
Enviam-se catálogos grátis, ocultos
Pílulas virilógicas, o melhor preparado para a fraquesa genital,
Pílulas Hemofílicas, regularizador das menstruações.
Ovaragina, o melhor preparado para as dores que acompanham a menstruação, de efeitos garantidos.
Pedidos ao depositário ANTONIO SILVA
Calçada de Santo André, 16

Francês sem mestre
por GONÇALVES PEREIRA
1 volume de 400 páginas 1\$800
Pelo correio 16\$50.
Pedidos à administração de A Batalha.

Edições de "A Sementeira"
Práticas neo-maltusianas 5\$00
O sentido em que somos anarquistas 3\$00
A peste religiosa 4\$00
A Liberdade 5\$00
A Internacional (música e letra) 5\$00
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 83

Edições SPARTACUS
Acabam de aparecer:
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Máio Domingues, 6\$00.
A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.
Depósito: «Livraria Renascença Portuguesa», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

História Universal del Proletariado
«Veinte siglos de opresión capitalista»
Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.
Cada fascículo de 48 páginas, 100; pelo correio, registado, 105.
Estão publicados os seguintes fascículos:
1.ª — «La era de la esclavitud»;
2.ª — «La rebelión de Espartaco»;
3.ª — «Abolición de la esclavitud»;
4.ª — «Abeycción y Servidumbre»;
5.ª — «La revolución de los siervos»;
6.ª — «La miseria de los agricultores»;
7.ª — «Transformación del Poder Feudal»;
8.ª — «El comunismo cristiano»;
9.ª — «Lomias seriales en la Edad Media».

Terra Livre
Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma colecção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de A Batalha. Aquele camarada fixou o preço de 1\$500.
Alguns camaradas que desejem adquirir este interessante semanário podem dirigir-se a nossa administração.

FABRICA
cadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Desejam vender ou comprar ouro, prata ou joias?
Prefiram as ourivesarias da firma
Morais & Gama
Rua da Betesga, 16
— E —
Ourivesaria da Estefânia
na Rua Pascoal de Melo, 132
onde, por preços com que ninguém pode competir, poderão comprar ou vender nas melhores condições de garantia.

Alfaiataria do Carmo
DE
David da Costa Relvas
Calçada do Carmo, 50 — LISBOA
Fatos e Sobretudo para homens e senhoras, de boas fazendas e a preços baratíssimos. Fazem-se com perfeição e elegancia. Aceitam-se fatos a feito.

Pregão de revolta
Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.
Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

BOTAS
CALÇADO A PREÇO DE REVENDA
E
SECÇÃO DE CHAPELARIA
Tudo barato
Sapatos para senhora desde 45\$00
Botas para homem em vitela preta desde 50\$00
Botas para homem em forma da moda, cor ou preta a 75\$00
Sapatos verniz senhoras a 60\$00
Sapatos crepe celas última moda a \$
Botas crepe celas última moda a \$
Grande quantidade e variedade de calçado de crianças.
Grande stock de sandálias.
Dá-se um brinde, a quem comprar nesta casa e apresente este anúncio. Vêr os preços de sensação nas nossas montras.

SAPATARIA BRASIL
206, Rua da Madalena, 212
Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
LEILÃO
Em 7 de Junho p. f. e seguintes dias úteis, às 11 horas na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Público A n.º 1 de Fevereiro de 1920, do artigo 114.º da Tarifa Geral e do artigo 9.º da Tarifa de despesas accessorias, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.
Avisa-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirá-las, pagando o seu débito à Companhia, para o que terão de dirigir-se à Reparação de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis até 5 de Junho p. f. das 10 às 17 horas.
O leilão realiza-se no Armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apolónia, defronte do gradeamento.
Lisboa, 21 de Maio de 1926.
O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Novo Talho e Salchicharia
Rua Marques Sá da Bandeira, 26, 28
Com grande abundância de carne de vaca, vitela, carneiro, porco, toucinho e seus derivados.
«A BATALHA» no Funchal vende-se no Burea de La Presse.

do coronel de Plounerel, em casa-matas subterrâneas, formando para além do caminho de circunvalação uma segunda linha de defesa cujas seteiras, semelhantes aos respiradores das adegas, deixavam fazer contra o inimigo um fogo mortífero.
Enfim, juntaram-se companhias de arcabuzeiros ao pé da brecha, defendida por fachineiros e cestões, que as mulheres acabavam de trazer. Houve entre os cercados um momento de silêncio solene, enquanto os realistas percorriam o espaço que os separava da esplanada do fôso. Toda a gente sentia que dêsse assalto ia depender a sorte da Rochela.
Tinha o comando superior dos católicos o velho marechal de Montluc. O sr. de Goas, à frente de seis batalhões de velhos soldados suíços, estava na vanguarda da coluna; ao centro o sr. de Montluc, e na retaguarda o coronel Strozzi, um dos melhores oficiais do exército católico.
O sr. Strozzi tinha de sustentar e reforçar o ataque, no caso em que as primeiras companhias fraquejassem ou fossem repelidas.
Estas tropas avançavam em muito boa ordem, com os tambores e clarins à frente, desenroladas, tendo por chefes-flôr da fidalguia: os duques de Guise e de Aumale, o bastardo de Angoulême, Henrique de Bearn, cunhado de Carlos IX e Henrique de Condé; êstes dois jovens renegados vinham também combater os defensores da causa; por fim, Mayenne, Biron, Cosseins, d'O, Château Vieux, e tantos outros nobres capitães, acompanhavam o duque de Anjou, irmão do rei, que ia no centro, ao lado do marechal de Montluc.
Assim que as primeiras filas de católicos chegaram à esplanada do fôso, o vereador Gargouillaud, vendo o inimigo ao alcance da sua artilharia, mandou fazer contra ele uma descarga geral de pontaria baixa. Foi terrível o efeito desta descarga, que destruiu filas completas de soldados.
A vanguarda, assim fulminada, hesita e pára no que dá tempo aos defensores para tornarem a carregar as peças. Uma nova descarga, ainda mais mortí-

fera do que a primeira, duplica as perdas e aumenta a indecisão dos assaltantes.
O velho marechal de Montluc, Biron, Cosseins, tentam reanimar os seus soldados, incitando-os, entusiasmando-os; e, deixando mortos e feridos para traz, as tropas atravessam o fôso, replicando com tiros de arcabuz ao fogo dos sitiados e começam a subir o talude da brecha, expostos aos fogos cruzados das casa-matas, que ferem o inimigo pelos flancos, ao passo que, nas muralhas, as companhias de defesa o recebem de frente, com uma chuva de balas.
Os realistas, apesar-das consideráveis perdas que sofreram, continuam a subir o talude da brecha.
O sapador e o aprendiz, que se tinham conservado deitados atrás dum monte de entulho, protegidos assim contra as balas, levantaram-se e deitaram a correr pela estrada de circunvalação, depois de terem largado fogo à mecha da mina.
Mal chegavam êles à distância necessária quando a mina rebentou debaixo dos pés do inimigo. Uma terrível explosão levantou como uma tromba de terra, de poeira e de pedras, misturadas de labaredas que brilhavam como relâmpagos no meio daquella imenso turbilhão de fumo.
Dissipado êste fumo, viu-se no declive do talude uma profunda abertura, cujos lados estão cheios de cadáveres, de moribundos, de corpos mutilados e de membros dispersos.
Os soldados da vanguarda que escaparam a êste desastre, voltaram para trás, cheios de medo e foram lançar o pânico no exército católico, dizendo que o caminho está minado por baixo dos pés dos assaltantes. O terror indisciplina os soldados, que saem de forma e desatam a fugir; é a derrota que começa.
Os artilheiros huguenotes, com um fogo incessante e cada vez mais forte e violento, matam sem conta nesta massa de fugitivos, enquanto o sapador de pé e de braços cruzados, junto a uma canhoneira da muralha, dizia tranquilamente a mestre Barbot:
— Olhai, compadrel, cabeças, braços, corpos, per-

nas, como dançam! tudo bem ao som da minha mina, que lhes tocou a música! Eu dei um baile aos católicos, aos dignos defensores do rei e do altar.
— Oh! disse mestre Barbot. Parece que os cordeirinhos da noite de São Bartolomeu têm mais pressa em voltar para trás do que tinham em vir ter conosco!... Enfim, se se lembrarem de cá voltar, oferecer-lhes hei a minha caldeira cheia e fumegante, para os reconfortar... a êsses assassinos abençoados pelo papa! Hei de aspergil-los com a minha água benta!
Os chefes realistas não puderam tornar a pôr em ordem os seus soldados senão quando êstes se viram fóra do alcance da artilharia dos huguenotes. Formaram-se então em colunas; os mais valentes capitães do exército puzeram-se resolutamente à frente dos soldados para os levar ao assalto; e, precedendo esta pequena falange de intrépidos, um franciscano, com um crucifixo numa mão e um alfanje na outra, corre ao ataque brandindo com voz possante, como na noite de São Bartolomeu:
— Viva Deus e o rei!
O exemplo dêsse frade, o ímpeto dos capitães animam os assaltantes, que logo se esquecem do pânico de ainda há pouco, e voltam a combater aos gritos de:
— Viva Deus e o rei!
Em vão lhes causa enormes perdas o fogo dos cercados; os sitiados sobem o talude a passo de carga e passam adiante da abertura produzida pela mina de Josefino; então mestre Barbot grita às mulheres encarragadas de manejar o «censador»:
— Vamos! depressa, meninas!... Lançai isso bem quente sobre a pestilência católica! Dai-lhes o óleo santo e consagrado... a êsses devotos papistas.
E, dirigindo-se às outras mulheres encarragadas de fazer rolar as pedras sobre o inimigo:
— E vós, valentes guerreiras, força contra os realistas! dai cabo dessa malandragem!... Exterminai essa infame canalha!
E logo ondas de azeite, de betume e de enxofre, tudo incandescente, começam a cair sobre as primei-

ras filas dos assaltantes, que recuam apavorados, empurrando os que os seguem e gritando como posses-sos, porque cada pinga desta chuva abrazadora penetra a carne e vai até à medula dos ossos.
Ao mesmo tempo, enormes pedregulhos, pipas cheias de areia rolam com irresistível rapidez pela la-deira abaixo, derrubando e esmagando tudo o que encontram na passagem. A esta defesa mortífera junta-se um fogo, terrível e quasi à queima-roupa dos arcabuzeiros embuscados nas casamatas.
Ainda assim os realistas, apesar de dizimados e vigorosamente repellidos, prosseguem no ataque e chegam até à circunvalação.
Cessa então o fogo e começa uma terrível luta de arma branca, corpo a corpo, encarniçada, sem d'om piedade.
As mulheres, entre as quais se achava Cornelia, armada com a vara de ferro do «censador» e a Bombarda com o seu arpo, rivalisam com os homens em audacia e valentia, e misturam-se com os combatentes, batalhando com furia, como dignas filhas das antigas gaulesas de braços alvos e robustos, que tão bem combatiam outr'ora contra os soldados de Julio Cesar.
Duas vezes o coronel de Plounerel, o capitão Normand, o vereador Gargouillaud, mestre Barbot, Antonioq Lebrenn, Luis Rennepont e outros repelliram os católicos para além da brecha; por duas vezes também os católicos, superiores em número, obrigam os protestantes a recuar até às banquetas das fortificações.
Nisto chega em socorro dos sitiados Morisson, administrador da Rochela, à frente dum grande grupo de cidadãos. Este reforço muda a face do combate; os assaltantes, terceira vez repellidos para fora da brecha, são, após um último ataque, precipitados uns nos fossos e outros forçados a fugir apressadamente para o seu campo, debaixo do vigoroso fogo dos cercados, fogo que, suspenso por um momento, recomeça e faz imensas vítimas entre os fugitivos. Fulminados pela



Como a imprensa burguesa está apreciando as Juventudes Sindicalistas

Durante muitos anos nos demos ao trabalho de explicar à opinião pública enganada pela imprensa burguesa que a função das Juventudes Sindicalistas era meramente educativa.

Essa função, porém, raras vezes podia ser exercida convenientemente devido às perseguições estúpidas e descabidas que lhes moviam.

Presentemente e devido às desassombradas afirmações produzidas no último congresso, que marcou em ponderação e boa ordem, a má opinião começa a pulverizar-se e já a imprensa burguesa começa a encontrar utilidade educativa na existência de agremiações com o carácter das Juventudes Sindicalistas.

Assim, a Tarde de ontem expendia esta opinião que transcrevemos na íntegra:

«Os atentados contra o patronato e contra a polícia foram durante muito tempo o terror do nosso meio. E de quasi todos esses atentados eram autores rapazes ainda muito novos, fazendo parte alguns deles das Juventudes Sindicalistas.

Deste facto resultou criar-se uma geral animadversão contra essas instituições, que passaram a ser consideradas como focos de insurreição. E se uma agremiação não pode ser responsabilizada por actos praticados por um ou outro indivíduo que delas fazia parte, o que também é, infelizmente, certo é que de dentro do seu seio não partia nunca um protesto formal contra a propaganda pelo facto.

Passada, porém, essa fase da bomba e do terrorismo, um congresso se realizou das Juventudes Sindicalistas, em que os jovens operários fizeram afirmações claras de repúdio pela acção violenta e acordaram em que a instituição de que fazem parte tivesse como principal objectivo a instrução dos futuros operários, o seu esclarecimento nas questões de classe, e até a preparação de certas diversões que fossem um pretexto para fraternizarem e ao mesmo tempo para darem expansão aos seus impulsos de mocidade. Nada mais justo nem mais simpático. Com tal orientação as Juventudes Sindicalistas, em vez de serem um elemento de perturbação, em muito podem contribuir para o progresso moral da própria população. Sabe-se que nos países onde as Juventudes Sindicalistas cumprem inteiramente o seu fim a sua acção se traduziu por uma constante diminuição de frequência das tabernas, pelas diversões inofensivas com que as substituem.

Também o panfleto A Choldra no seu último número dedicava às organizações juvenis sindicalistas algumas palavras sinceras que nos permitimos arquivar nas colunas de A Batalha.

Eis o artigo:

A estúpida ditadura do sr. António Maria até a liberdade de reunião conseguiu abolir. Ora uma democracia só se acredita consoante a natureza e natureza de liberdades reconhecidas e respeitadas. Assim como um povo só revela o seu grau de educação no desfrute dos seus direitos civis. Não sucede assim em Portugal, cujo povo anónimamente se tem sacrificado para que fique de vez fundada a liberdade a que tem direito próprio, não um direito concedido por mercê de um regedor que se fez soberano de Portugal.

O terrorismo ainda não se abrandou em Moçambique

Lourenço Marques, 2 de Maio.—Passou o 1.º de Maio, sem uma única manifestação operária devido ao estado de pavor em que a classe se encontra e por estar a Casa dos Trabalhadores fechada.

Faz no dia 11 seis meses que se entrou em conflito por a população não querer o Alto Comissário, por reconhecer não um inepto.

Para que não se julgue ser exagero nosso ao falarmos do descontentamento da população, transcrevemos uma passagem de O Radical, órgão governamental e pago talvez pelo saco sem fundo, visto não ter compradores e continuar a sua publicação.

Refere-se ao atentado de que foi vítima o Comissário de Polícia e aos que foram descobertos contra o Alto Comissário:

«A atmosfera do crime foi inconsciente e conscientemente preparada.

«Inconscientemente porque 75 % da população desta cidade, recalcando os seus sentimentos cívicos e até os dotes de inteligência e educação, tem vindo há longos meses fazendo uma nefasta propaganda contra a autoridade constituída e contra a boa ordem e sossego desta terra».

Esse rol numeroso de vítimas que Azevedo Coutinho criou com a sua teimosia baixam amanhã à cadeia para depois serem julgadas pela justiça do país.

São rapazes honestos, sem uma prisão em sua vida, e que os actos tirânicos de Azevedo Coutinho os fez lançar no caminho da desforra.

Vão acompanhados pela admiração de uma população sofredora e não pela indiferença que podem merecer criminosos vulgares.

Eles faziam parte da população que sofreu e está sofrendo os vexames e o cerco do elemento das suas liberdades individuais.

A cidade continua com o seu aspecto fúnebre, onde a vida não dá sinais de si.

Os ferroviários sem trabalho continuam à mercê dos reacçãoários que imperam neste governo de despotas.

Tem estado a ser julgados no tribunal militar os maquinistas desertores e a pesardas mui bem dirigidas defesas dos capitães Vital Barbosa e Oliveira Dias, têm sido condenados a 45 dias de prisão e igual tempo de multa a um escudo, levando em conta a prisão sofrida que na maioria dos casos vai a 90 dias!

Apelaram da sentença para o Supremo Tribunal de Justiça.

Diz-se que Azevedo Coutinho embarca

Nenhuma livre expansão de pensamento é permitido pelo sr. António Maria, que disso não necessita visto que não tem cerebração. Mas já o mesmo não sucede, por exemplo, com as Juventudes Sindicalistas, compostas de rapazes que podem pensar erradamente—mas que pensam. E como pensam, sem necessidade de se reunir e comungarem, entre si, opiniões e sentimentos.

Essa necessidade é tão imperiosa que tiveram de efectuar clandestinamente o seu congresso, aliás, reunido numa povoação em que a Esquerda Democrática possui uma grande força eleitoral e política, a pesardas cidades promovidas pelos sequezes de António Maria.

Das decisões que o congresso das Juventudes Sindicalistas tomou, durante três dias, não temos completo conhecimento, mas sabemos que se referiram à sua ideologia, à sua acção e à sua organização, coisas que poderiam ser deliberadas publicamente—e nisso, melhor que no ódio do sr. António Maria à liberdade, estaria a defesa eficaz da sociedade contra qualquer tentativa inspirada por uma revolta alucinada, mas justa.

Consta-nos, porém, que as juventudes sindicalistas já tateiam um caminho de ponderação e inteligência, depois de abandonarem os atalhos perigosos e traicioneiros da violência, tendo, até, extinto um seu grupo de acção directa. Assim seja, para que vejamos nas juventudes sindicalistas uma esperança de regeneração e levantamento moral deste pobre país.

Sinceramente, desejamos que os jovens sindicalistas sejam: hoje a vanguarda das reivindicações operárias, cuja justiça já se não nega em parte alguma do mundo, principalmente nas nações realmente democráticas, e não espelhadas pela tanchen de um cabo de esquadra arvorado em ditador; amanhã, que sejam elas uma força disciplinada, garantindo no campo das suas ideias, agredidamente, sim, como é próprio da mocidade, mas sem atitudes prejudiciais, o triunfo da razão operária e, consequentemente, um notável progresso da democracia e da sociedade, um progresso social e democrático que nunca mais permita a ditadura brutal de um regedor ignorante».

Uma nota oficial da Federação das Juventudes

A Federação das Juventudes Sindicalistas pede-nos a publicação da seguinte nota oficial:

«O Comité Federal da Federação das Juventudes Sindicalistas, apreciando alguns artigos publicados no jornal A Tarde e no panfleto esquerdista A Choldra, sobre as Juventudes Sindicalistas, em que afirmam que estas abandonaram os meios de violência e de assassinato que empregavam, e entraram num verdadeiro caminho de preparação mental e moral, vem tornar público que as Juventudes Sindicalistas, que desmentiram oportunamente a sua colaboração nesses factos sangrentos, continuam a preconizar que a violência de cima se responde com a violência, mas que hoje como sempre as Juventudes continuam a ser os organismos para a preparação moral, mental e revolucionária, e isso lhes bastou para serem o alvo de todas as calúnias e responsabilidades de maneios terroristas dos agentes da autoridade.

Fazemos esta declaração para esclarecimento, e nunca com o intuito de desconhecendo quem nos presa.—O Comité Federal.

amanhã, mas têm sido tantos os boatos, que nos parece que s. ex.ª se não resolve a embarcar desde que dá não lhe tirem o governo das mãos.

E' necessário que tal suceda visto que em Moçambique, na Torre de São Sebastião estão ferroviários a apodrecer sem culpas, que os pudessem juridicamente afastar desta terra.

A situação continua tal qual como nos primeiros dias do desencadear da greve, com as liberdades suprimidas e com a proibição da circulação dos jornais que não apoiem a ideia fascista ou o governo de Coutinho.

Polícia armada e outros actos que bem demonstram não estar a cidade pacificada. Baixaram à cadeia os indivíduos acusados de assassinarem o Comissário da Polícia e outros acusados de terem feito parte de um «complot» para matar o Alto Comissário.—C.

Recebemos uma carta do sr. Cristóvão Furtado, que o governo de Moçambique deportou para a Índia. O seu signatário refere-nos as peripécias do seu destino: fizeram-no embarcar sem dinheiro, sem documentos e sem passaporte, de modo que, ao chegar a Bombaim, Índia inglesa, o seu desembarque foi impedido pelas autoridades.

O sr. Cristóvão Furtado esteve três primeiras horas, sem que o cônsul português pudesse valer-lhe, por falta de recursos legais. Por fim, amparado por um seu amigo pessoal, conseguiu fazer-se transportar a Goa, onde se encontra sem recursos.

CRISE DE TRABALHO

Operários licenciados das Obras do Estado

A comissão de melhoramentos da Associação de Classe dos Mestres e Operários das Obras dos Edifícios e Monumentos Nacionais, convidou os operários licenciados a reunirem hoje pelas 10 horas da manhã, na sede da Associação, Travessa da Oleiro, 13, para a comissão dar conta dos trabalhos realizados para a reabertura das obras, como também para prevenção dos mesmos operários do dia e hora em que se devem apresentar nas suas respectivas secções.

ARTIGOS ELECTRICOS

Novas tabelas com preços actualizados
CASA PALISSY GALVANY
Rua Serpa Pinto, 5

Lêde o Suplemento de "A Batalha"

Horário de trabalho

Uma sessão de propaganda dos empregados no comércio e na indústria

Com grande assistência, efectuou-se ontem, no Centro Escolar Republicano de Campo de Ourique, a décima e última sessão promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria. Presidiu Jorge Campelo, secretariado por João Maria da Silva e César dos Santos Rodrigues. O presidente expõe os fins da sessão e dá a palavra a Mário Pinto que lembra à classe o dever que tem de se agrupar fortemente para uma defesa profícua. Recorda as tradições liberais da classe que foi uma das que mais contribuíram para a proclamação da República.

Abraão Coimbra refere-se ao desemprego que actualmente atinge a classe, trata largamente do horário de trabalho e do descanso semanal. Diz que os patrões nos chamam bolchevistas por querermos o cumprimento duma lei; pergunta o que serão os comerciantes que se recusam a cumprir essa lei?

António Alves disserta sobre o cumprimento do horário de trabalho e ataca com grande veemência o uso das carroças de mão. Faz um apelo à classe para que se sinta e dê força ao seu sindicato.

Adelino Tavares de Sousa faz referência à resolução da Liga dos Direitos do Homem em se ocupar da abolição das carroças de mão, demonstrando que a acção deste sindicato vai interessando outras entidades estranhas ao assunto. Diz que precisamos de respeitar o horário de trabalho para honrarmos os batalhadores de outras épocas que tanto se esforçaram para alcançar esta regalia. Refuta as afirmações feitas de que a nossa classe pertence à classe média.

Manuel de Figueiredo alude à história da conquista das 8 horas fazendo várias considerações. Relata as entrevistas havidas com o governador civil e afirma que se vai fazer a fiscalização a fim de evitar conflitos lamentáveis.

Depois de umas breves explicações do presidente é encerrada a sessão, aos vivas ao Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria e à organização operária.

Encetaram-se já negociações para a constituição neste bairro de uma secção deste sindicato.

Nota oficial do Sindicato dos Operários Alfaiates

A Direcção reunida juntamente com o Conselho Fiscal, tendo apreciado os esforços que a Associação de Classe dos Calceiros de Lisboa e o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria, têm desenvolvido, no sentido de que o horário de trabalho seja integralmente cumprido nos estabelecimentos respectivos e como quer que das consequências desses esforços resultem benefícios para o operariado assalariado da indústria de alfaiataria, portanto desde que o comércio feche à hora legal, menor será o número a atirar essa regalia; e atendendo que do esforço dessas duas associações, resulta também um ataque ao chomage, resolve tornar públicas as suas saudações por esses trabalhos e oficial a estas duas associações.

No Teatro Gil Vicente, do Palácio de Cristal, vai realizar-se uma festa de elevados intuitos educativos

Realiza-se no próximo sábado, no Teatro Gil Vicente, sito no Palácio Cristal do Porto, um grande espectáculo cujo produto se destina a auxiliar a Escola e Biblioteca de Estudos Sociais (à Boa-Vista).

Subirá à scena o drama em 4 actos e 7 quadros «Amor de Perdição», extraiado da célebre novela do mesmo nome de Camilo Castelo Branco.

Atendendo ao alto valor literário e dramático da peça e ainda ao objectivo altruístico da festa, é de esperar que os trabalhadores acorram em grande número, no próximo sábado, ao teatro Gil Vicente.

A peça que será desempenhada pelo grupo dramático da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais, à Boa-Vista, tem a seguinte distribuição:

«Simão Botelho», Frutuoso Gaspar; «Baltazar Coutinho», José Silva; «Tadeu de Albuquerque», José Faria; «João Ferrador», Domingos Dantas; «Meirinho Geral», José Vieira; «Capitão da Nau», José Vieira Júnior; «Tomé» (cunhado do ferrador), Manuel A. Nogueira; «José» (criado), António Machado; «Augusto» (criado), Emílio A. da Cunha; «Padre», António Pereira; «Te-reza de Albuquerque», D. Margarida Queiroz; «Mariana» (filha do ferrador), D. Otília Malta; «Priora», D. Maria Luisa.

As reclamações dos professores dos liceus

A Comissão Executiva da Federação das Associações dos Professores dos Liceus Portugueses, tendo sido encarregada de resolver o conflito surgido há dias entre o ministro da Instrução e os professores dos liceus de Lisboa, conferenciou no passado domingo com o dr. sr. Santos Silva. Trocadas impressões, considerou-se sanado o incidente.

Ontem, pelas 15 horas, aquele ministro recebeu a Comissão Executiva da Federação e os professores que a acompanharam a fim de apresentar algumas reclamações que interessam ao ensino e à classe.

Uma conferência improdutiva

LONDRES, 25.—Realizou-se esta tarde a sessão inaugural da décima segunda conferência internacional inter-parlamentar de comércio, na galeria real da Câmara dos Lords, sendo o governo britânico representado pelo chefe da repartição de comércio.

Mais de 130 estadistas, representando trinta e tantas nações, participaram dos trabalhos da conferência.

Durante a sua estada em Londres, os visitantes assistirão a uma série de funções que lhes permitirá estudar os vários aspectos da vida inglesa, social e comercial.

O príncipe de Gales presidirá ao banquete que amanhã de tarde será oferecido em honra dos parlamentares estrangeiros, na galeria real da Câmara dos Lords.—L.

O conflito académico

Os estudantes de Direito

O sr. Campos Coelho, presidente da Associação dos Estudantes da Faculdade de Direito, tornou publico o seguinte esclarecimento à atitude dos alunos daquela Faculdade no conflito académico:

«1.º—A votação na assembleia magna dos estudantes de Direito fez-se estando presentes alunos de todos os cursos.

«2.º—Mesmo que assim não tivesse acontecido, as suas deliberações seriam soberanas, visto não ser lógico que uma grande maioria de estudantes se submetesse à indiferença daqueles que não quizessem comparecer.

«3.º—Nem eu, nem os meus colegas que assistiram à assembleia geral do dia 21, autorizamos os presentes à reunião de ontem a tomar deliberações em nome do 5.º ano.

«4.º—Mais inconsciente do que decidir em assembleias tumultuosas me parece o espírito que ditou a moção aprovada ontem por uma insignificante minoria no aprazível jardim da Faculdade, quando no 6.º considerando atribui a culpa do estado do actual conflito à Federação, para no 8.º atacar o Parlamento por este «não ter dado ao conflito uma solução imediata que, por todos os motivos, se impunha».

«5.º—Atualmente não existe antagonismo de «legítimos» interesses entre as escolas em greve, nada tendo os estudantes de Direito com quaisquer outros a que a mesma moção se possa referir.

«6.º e ultimo — Os estudantes de Direito reúnem-se conjuntamente e não por cursos, no passado dia 21, deliberaram por uma maioria de 120 votos declarar a greve estabelecida na moção que nessa assembleia apresentei».

A greve prossegue no Porto

PORTO, 25.—A greve dos estudantes prossegue pacificamente. Não há mesmo nada de vulto que desperte a curiosidade pública. Como finalizaram as aulas da Faculdade de Medicina, a pesar dos alunos dos últimos anos, não terem aderido ao movimento, este dá uma impressão de ser geral. Os alunos do Instituto Industrial e Comercial do Porto, ao apreciarem a nova fase do movimento, resolveram «manter, através de todos os sacrifícios, a atitude iniciada, não como coacção junto dos poderes constituídos, mas afirmando princípios que estão dentro da maior razão»; e, para maior esclarecimento, tornam público «mais uma vez que enquanto os inimigos, num último esforço, tentam coagir o governo a satisfazer-lhes injustas reclamações, lançando-se uma greve geral, os alunos do I. C. do país expõem os seus trabalhos na Câmara Municipal de Lisboa; depois de anunciarem que vão «efectuar o mais breve possível as demarches para se realizar no Porto uma exposição idêntica», tornam também público «que o actual conflito académico não é uma luta em que toda a academia de Portugal se lança para defender os seus interesses, mas sim uma luta de Escolas, havendo-as até onde os interesses e as reclamações dos próprios alunos se chocam».

Os estudantes do 1.º ano médico resolveram ontem sair, além dos grevistas e os restantes alunos daquela Faculdade, o corpo docente da F. M., na pessoa do seu director. Bem como dar conhecimento aos professores que compõem os jurys do 1.º ano as resoluções tomadas. Foi nomeada uma comissão composta dos académicos Luís Almeida Correia Carvalho, Almirante Manuel Ribeiro Martins e Júlio Vieira Coelho, a qual fica com plenos poderes para tratar de todos os assuntos referentes à greve, declarando o momento em que o seu apoio material é prescindível.

Eis o estado em que se encontra o conflito académico.

INTERESSES DE CLASSE

A União dos Empregados no Comércio do Porto

Vem a União dos Empregados no Comércio do Porto, há uns oito ou nove anos a esta parte, dando a sua adesão à C. G. T., por intermédio dos seus delegados aos congressos corporativos.

Nos congressos nacionais de Coimbra e Covilhã, e ultimamente no Congresso Confederal realizado em Santarém, foi pela boca dos seus delegados confirmada a adesão.

Os relatórios dos delegados têm sido todos aprovados, sem que se tenha posto em prática tais resoluções.

Em 1925, vários protestos foram feitos nas assembleias por causa da C. A. não passa as respectivas cadernetas; tendo vários sócios declarado que não pagariam as suas cotas, se não lhes fosse feita a cobrança pelo expediente confederal. Finalmente em meados do mesmo ano são passadas as cadernetas e entregues a quem as reclamasse.

Surge o fim do ano, e com ele, a nomeação de novos corpos gerentes para 1926. Faz-se a respectiva nomeação. Em Dezembro a C. A. que ia deixar o seu mandato, e a futura, reúnem conjuntamente, e acordam na necessidade de mudar de sede, mas para acudir às despesas com aquela mudança julgam necessário suspender as relações com a C. G. T., a partir da instalação na nova sede. Reúne-se a assembleia geral e protesta-se contra a suspensão de relações com a C. G. T., e por fim é demitida a C. A., sendo nomeada outra, escolhida entre os protestantes e entre a qual se encontram criaturas que têm feito as mais rasgadas afirmações sindicalistas e libertárias!

Estamos em fins de Maio, isto é, passados 5 meses da nomeação da actual comissão administrativa e por mais que os sócios reclamem, por mais protestos que se façam nas assembleias não lhes é entregue o expediente confederal.

A cobrança está sendo feita por recibos. Sabemos muito bem que nem todos aceitam a caderneta confederal, mas isto não obsta a que seja passado o expediente confederal, para todos os sócios, ficando o encargo à C. A. de o entregar a quem o requisitar. E se ainda não é bem aceite entre os calceiros a C. G. T., a culpa cabe à C. A. por não terem feito a devida propaganda.

Quanto a nós já nos temos protestado várias vezes, quer em assembleias quer na reunião da C. A., reclamando a nossa caderneta, declarando não pagar as cotas enquanto não nos for entregue, e até esta data nada, pelo que lavramos aqui o nosso mais veemente protesto.

Manuel Inácio LUÍS

CONFERÊNCIAS

«A ciência Meteorológica»

Realiza-se no próximo sábado, pelas 21 horas, na sede da Liga dos Oficiais da Marinha Mercante uma conferência sob o tema «Utilidade da Ciência Meteorológica e o seu desenvolvimento».

E' conferente o capitão de fragata sr. Carvalho Brandão.

«Organização científica do Trabalho»

Na secção da Universidade Popular Portuguesa que funciona no Sindicato do Pessoal dos Arsenalistas do Exército, Campo de Santa Clara, 87, 1.ª, realiza hoje o sr. dr. João Camoesas a 5.ª conferência da série «Organização científica do Trabalho». Na sua lição de hoje, que será acompanhada de projecções luminosas, occupar-se-há o conferente da organização fisiológica do Trabalho. A entrada é franca.

«Indústria do ferro»

Na secção da mesma Universidade que está instalada no Sindicato Metalúrgico efectua amanhã, o engenheiro sr. Ferreira de Simas, a 3.ª conferência da sua série «Indústria do ferro».

AS GREVES

NO ESTRANGEIRO

Contra a carestia da vida

MARSELHA, 25.—A fim de protestar contra a elevação constante do custo da vida, a união departamental das Bouches-du-Rhône decidiram proclamar uma greve geral de 24 horas.—(H.)

Construção civil francesa

SAINT-NAZAIRE, 25.—Em Baule, os operários da construção civil declararam-se em greve, por aumento de salários. Houve um conflito entre operários franceses e estrangeiros, dois dos quais, portugueses, ficaram contusos. Não houve mais incidentes.—(H.)

Secção Telegráfica

C. G. T.

Federação da Construção Civil.—Secção do Norte.—Não possuímos estatutos dactilografados, mas simplesmente um modelo.

Federações

MOBILIARIA

Sindicato de Faro.—Segue officio; respondam com urgência.

Sindicato do Porto.—Idem.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

N. J. S. de Silves.—Digam se receberam carimbo e remetam cartões para trocar.

Secção Federal do Norte.—Enviei expediente e a quantia do N. J. S. do Porto. Dentro em breve segue resposta ao vosso officio.

Faro.—Tomámos nota do vosso débito pelo que nos dizem. Mandem credencial.

Contra a baixa de salários

Desmascarando um traidor

O pessoal das fábricas de conservas de Almada e Seixal declararam-se há aproximadamente 3 semanas, como então anunciámos, em greve para resistir à tentativa de baixa de salários tentada pelo ignóbil espírito de ganância de industriais sem escrúpulos.

Os grevistas souberam resistir com energia às pretensões dos industriais e teriam triunfado totalmente no seu belo movimento, se alguns indivíduos sem moral, abusando da sua boa fé, não tivessem traído.

Queremos referir-nos a Manuel da Silva que tendo desempenhado vários cargos no movimento dos operários da indústria de conservas e que se mostrava inimigo declarado da baixa de salários, tendo incitado os outros à resistência acabou por trair os seus companheiros de luta, fazendo jesuiticamente o jogo dos industriais. E' um autêntico traidor e como tal deve ser tratado.

Porém, os operários da firma Fonseca Roque & C.ª não se deixaram ludibriar pelos traidores e continuam mantendo a sua resistência contra a indigna e revoltante pretensão dos industriais. Esta atitude merece o aplauso de todos os operários conscientes e o apoio incondicional da Federação dos Operários da Indústria de Conservas.

Jardim-Escola João de Deus

Deve ser deves interessante a exposição que nodia 30 se inaugura no Museu Pedagógico «João de Deus». Nessa exposição figuram trabalhos valiosos de pintura a óleo, aguarela, miniatura, gravura, desenho, escultura, vitrais e azulejos artísticos.

Os nossos artistas têm correspondido generosamente ao apelo da direcção e assim todos os dias se registam importantes ofertas. Hoje temos a mencionar uma magnífica aguarela de Martinho da Fonseca e uma linda água-forte de Pedro Jorge Pinto.

Congresso de inquilinos

ZURICH, 25.—Encerrou os seus trabalhos o Congresso Internacional dos Locatários. Aprovou as directivas internacionais e resolveu a fundação da União Internacional dos Locatários. Fizeram-se representantes a Austria, a Alemanha, a França, a Suécia e a Suíça, sendo eleito presidente da União um suíço. Tomaram a palavra neste congresso os srs. Haeblerlin, presidente da Confederação helvética, e Albert Thomas, director do Bureau Internacional do Trabalho, tendo ambos assegurado ao congresso as suas simpatias. O congresso aprovou por fim uma resolução em que dizia esperar que os governos e os parlamentos o ajudassem a realizar as suas reivindicações.—(H.)

Vida Sindical

C. G. T. Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

COMUNICAÇÕES

Pessoal da E. P. L.—Não tendo sido pago o salário correspondente ao feriado do dia 13 do corrente e ao pessoal assalariado desta administração, a comissão delegada deste avistou-se com o sr. Afonso de Macedo, membro do conselho de administração, a fim de que o referido dia seja abonado, visto que foi por ordem superior que o pessoal não compareceu no dia aludido.

Os reclamantes têm, além disso, a favor da razão que lhes assiste a circunstância de em todos os Estados esse dia ter sido abonado.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE: Sindicato da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Secção do Alto do Pina.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Manufactureiros de Calçado.—A's 20 horas, a comissão de propaganda.

Federação Ferroviária.—A's 18,30 horas, a comissão executiva.

Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa.—A assembleia geral, pelas 8 horas da manhã, para tomar conhecimento dos trabalhos da Federação Marítima e outros assuntos. A importância dos casos a resolver carece da presença do maior número de associados.

Pessoal do Município.—A fim de assentar a resistência a opor à vereação e de se impedir que sejam feitas novas tabelas que venham a brigar com a de 20 de Março de 1925, pelas 21,30 horas, todos os membros dos corpos gerentes, bem como todos os militantes e camaradas que estejam dispostos a lutar.

SINDICATOS DA PROVINCIA

União Ferroviária do Porto.—Na sede deste organismo, effectou-se uma importante assembleia geral da classe ferroviária do Minho e Douro para, entre outros assuntos, ouvir o delegado do pessoal de trens que, junto da Administração geral, tratou da reclamação daquele mesmo pessoal, por se pretender abrir novo concurso para condutores; e a exposição da comissão de melhoramentos referente aos trabalhos realizados, até à data, junto da Administração Geral e do ministro do Comércio.

Tratou-se do procedimento tido por Alfredo Botelho, que em Lisboa apenas tratou dos seus interesses, tendo havido um incidente que forçou à suspensão da assembleia.

Reaberta, e depois de Carlos Viana ter recriminado a presidência por haver concedido a palavra a todos oradores aludidos, Cristóvão Meneses Leite e Belmiro Pereira na qualidade de membro da Comissão de Melhoramentos, o primeiro como relator do Conselho Técnico e o segundo delegado que ultimamente foi a Lisboa—explicam todas as demarches efectuadas, pelas quais tudo ficou em promettimentos. Terminam por pedir a sua demissão.

Este caso foi debatido largamente, sendo aceite finalmente a demissão. Após alocada discussão, foi aprovada a seguinte moção: